

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **OLHARES BRITÂNICOS: PRESENÇA INDÍGENA NOS MUNDOS DO TRABALHO DO BRASIL OITOCENTISTA**

Rute Andrade Castro

UNEB/SMED

rucastro81@hotmail.com

### **Resumo**

Esta pesquisa parte da análise de relatos de viagens publicados na Inglaterra sobre a estadia de dois britânicos no Brasil: Thomas Bigg-Wither, em 1878, e James Wells, em 1887. O objetivo central é mostrar como viram, nos mundos do trabalho no interior do Brasil, a presença indígena. Desse modo, se buscará problematizar a visão dos europeus sobre as populações originárias e como seus relatos se tornaram representações da realidade pautadas pelos contatos que tiveram com povos indígenas, mas sobretudo pelas concepções eurocêntricas que traziam consigo. Através do diálogo com referências bibliográficas que discutem diversos aspectos dos contatos entre brancos e indígenas, esta pesquisa contribui para a compreensão de uma realidade tão complexa como foi a dos mundos do trabalho no Brasil, no contexto da abolição da escravidão, que se deu em 1888, e esteve permeada pelo debate acerca da necessidade de uma reestruturação da exploração da mão de obra nacional. Foi possível perceber que os britânicos viram os indígenas como uma alternativa de mão de obra a ser explorada em nome do desenvolvimento econômico do Brasil, como se estes fossem peças no jogo do capitalismo.

Palavras-chave: Indígenas; Mundos do trabalho; Relatos de viagem.

### **Abstract**

This research starts from the analysis of travel reports published in England about the stay of two British men in Brazil: Thomas Bigg-Wither, in 1878, and James Wells, in 1887. The central object is to show that they realized the worlds of labor in Brazil through an Eurocentric bias. In this way, their reports became representations of reality, guided by the contacts they had with indigenous peoples, but above all, by the Eurocentric conceptions they had brought with them. Through dialogue with bibliographic references that discuss various aspects of contacts between white and indigenous people, this research contributes to the knowledge about this complex reality, namely, the worlds of labour in Brazil. Its context was the abolition of slavery, which took place in 1888, and was permeated by the debate about the need for a productive restructuring around the exploitation of national labour. It was possible to perceive that the British saw the indigenous people as an alternative of labour to

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

be explored in the name of the economic development of Brazil, as if they were pieces in the game of capitalism.

Key-words: Indigenous people; Travel reports; Worlds of labour.

De acordo com os britânicos, os brasileiros se retraíam no aproveitamento das riquezas oferecidas pela natureza. Dito isto, desenvolviam sua argumentação no sentido de ressaltar a necessidade do empreendedorismo, preferencialmente britânico, para dar bom rumo a tanto desperdício. Foram numerosos os comentários daqueles que adentraram o Brasil para além das suas zonas litorâneas, sobre o quanto as terras brasileiras eram ricas e pouco cultivadas em relação à sua extensão e fertilidade.<sup>1</sup> Para eles, as possibilidades do país estavam subaproveitadas por uma população que notadamente não se interessava por isso, já que o pouco trabalho que tinham lhes parecia suficiente. Para esses britânicos, o tipo de trabalhador que estaria então em formação seria o resultado de uma equação cujos fatores eram compostos por sua ascendência indígena somada à “repulsiva influência” escravista que teria legado, por um lado, o amor à liberdade e, por outro, a “ojeriza à rotina monótona do trabalho nas plantações”.<sup>2</sup>

O texto que segue tem como pano de fundo esta problemática, a saber, como alguns britânicos discorreram sobre a necessidade de uma espécie de gerenciamento dos mundos do trabalho no Brasil do final do século XIX. O problema crucial seria que os personagens principais, os trabalhadores, por vezes não aceitavam se submeter aos interesses de desenvolvimento econômico capitalista que então governantes, empresários e estrangeiros teciam para o Brasil. Serão trazidas algumas reflexões preliminares de uma pesquisa ainda em curso, sobre como, apesar de a utilização de mão de obra indígena não ser exatamente uma novidade – já que foi a realidade das primeiras décadas de colonização e continuou a ser na região norte do país – acabou ganhando força nos discursos daqueles que comentaram sobre a iminência da abolição e, no caso deste texto, dos britânicos que viram, viveram e

---

<sup>1</sup> Sobre o tema ver: CASTRO, R.C. Mundos do trabalho no seu fazer-se: Britânicos, livres, libertos e escravizados (1880-1905). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

<sup>2</sup> Hemeroteca Digital Brasileira. The Anglo Brazilian Times, 15/2/1880.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

escreveram sobre os mundos do trabalho no Brasil. Seu contato com os indígenas se deu na forma de relações de trabalho, de contatos com populações inseridas nas comunidades locais, de encontros com populações não integradas, e através do que lhes foi contado sobre as populações originárias.

Desse modo, estão sendo enfocados aspectos dos mundos do trabalho no Brasil que dizem respeito à convivência entre brasileiros e britânicos, enfatizando-se, entretanto, a relação que estes últimos, na posição de encarregados de empresas britânicas, estabeleceram com as populações indígenas ou seus descendentes. As fontes principais serão dois relatos de viagem, ambos escritos em dois volumes por engenheiros envolvidos na construção de ferrovias no Brasil. Um deles, James Wells, era contratado da Public Works Construction Company e fazia parte de um grupo de engenheiros que foram enviados de Londres ao Brasil para construir o trecho final da estrada de ferro D. Pedro II. Percorreu extensas regiões do Brasil adentro, percorrendo várias das províncias do país, passando por territórios desconhecidos pelos próprios brasileiros. O outro britânico, Thomas Bigg-Wither levou apenas nove meses, que foram de intensos deslocamentos pela região sul do país.

Os acontecimentos e situações dirão respeito, sobretudo, às últimas décadas do século XIX, quando – lado a lado com a intensificação das discussões sobre o disputado encerramento da escravidão e da suposta necessidade de substituir os trabalhadores negros, conforme se dizia, pela importação de mão de obra estrangeira – os povos indígenas foram ainda mais vistos como uma importante fonte de mão de obra. Também serão analisadas as relações que populações indígenas, com as quais esses britânicos tiveram contato, estabeleceram com os brancos, negros e mestiços sítos nas mesmas regiões que eles. Os britânicos as descreveram como sendo de animosidade - os indígenas vistos como verdadeiros inimigos das comunidades locais - outras como de relativa harmonia, partilhando os mesmos interesses, cotidiano e mundos do trabalho.

A pesquisa se desenvolve analisando os textos de maneira a perceber não apenas aquilo que os britânicos desejaram escrever, mas aquilo que permitiram antever, mesmo sem o desejar. Ao descrever alguns episódios, seus relatos acabaram oportunizando a percepção de mundos do trabalho dinâmicos, ricos e complexos, além do conhecimento direto sobre

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

populações indígenas. Um dos temas que deteve sua atenção, por exemplo, foi o conhecimento das técnicas de navegação nos rios que, dominada por populações indígenas, parece ter feito com que sua mão de obra, fosse buscada por esses engenheiros estrangeiros sobretudo como condutores de pequenas embarcações.

Suas habilidades e tipos físicos foram notados, apreciados e elogiados diversas vezes por Wells, como ao descer o rio Marajá, quando mencionou que encontraram “outro bote, manejado por doze índios nus”, sobre os quais observou: “que couros estes sujeitos devem ter para suportar o calor causticante do sol e as picadas de insetos”.<sup>3</sup> Esse é um trecho significativo porque demonstra um padrão que será seguido em boa parte das menções elogiosas aos povos indígenas, a saber, a admiração vinha constantemente em meio a observações desabonadoras e/ou preconceituosas, como neste caso, quando a resistência daqueles indígenas foi observada ao mesmo tempo em que foram associados aos animais, estes sim possuidores de couro. Em outra situação, dois dos barqueiros cujo serviços contratou foram descritos de modo a levar a crer que eram, se não indígenas, pelo menos mestiços. Notou serem sujeitos altos com “ombros largos e peito musculoso”, sua cor seria “um oliva escuro luminoso, seus cabelos longos, negros e levemente ondulados, seus rostos não tinham pelos”. Sendo eles possivelmente pertencentes a alguma etnia integrada à população local, Wells afirmou que “faziam seu trabalho de modo silencioso e metódico, eram muito tranquilos em suas maneiras e tendiam um pouco à rispidez”.<sup>4</sup>

Na verdade, Wells estava percebendo e se beneficiando, ao contar com a expertise desses trabalhadores, de um processo de recrutamento destas populações que então se intensificava. No final do século XIX, índios foram convertidos em proletários – “peões ou caboclos” por meio de alguma forma de constrangimento, violência ou desapropriações que visavam melhor “aproveitamento” de sua mão de obra (NEGRO, 2018, p. 18). Segundo Paraiso (1994), a mão de obra indígena conviveu com a africana, e isso se aplica sobretudo no que diz respeito às pequenas propriedades das regiões não litorâneas do país. Sua

---

<sup>3</sup> *Ibid.*, p.224.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p.151.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

utilização, apenas com aparência de liberdade, continuou sendo uma realidade frequentemente marcada pela violência.

Esses relatos permitem antever que, para as populações não indígenas, aqueles povos continuavam sendo fonte de trabalho. Os britânicos não ficaram alheios a essa possibilidade, como também escreveu o engenheiro Big-Wither, que disse ter “empregado muitos” da nação dos Coroados<sup>5</sup>, e só não ter abrigado um número maior por causa das “dificuldades da língua” e da “ vaidade e ciúme dos brasileiros em relação aos indígenas”.<sup>6</sup> Ele não especificou exatamente o que queria dizer com ciúmes, mas pelo contexto é possível depreender que a palavra mais adequada talvez fosse desconfiança ou preconceito.

Nos primeiros meses de sua jornada pelo interior do Paraná, iniciada em setembro de 1878, após ter mencionado algumas vezes o contato visual com os índios Coroados, viu alguns dessa etnia adentrarem seu acampamento calmamente e, “sem nenhum cumprimento nem dando atenção aos questionamentos dos brasileiros”<sup>7</sup>, lhe entregarem um bilhete e cestos com mantimentos e cartas da Inglaterra. Haviam sido enviados por seu colega Curling, que escreveu sobre seu sucesso na empreitada que realizava em outro sítio onde havia indígenas Coroados entre seus trabalhadores.<sup>8</sup>

Bigg-Wither aproveitou a menção a esse fato para tecer alguns comentários sobre o engajamento dessa etnia entre seus trabalhadores. Considerou que incorporar “indígenas a seu pessoal foi uma ideia ousada” cuja “tentativa posta então em prática pela primeira vez” por eles, tinha derivado da necessidade, diante das dificuldades adaptativas dos trabalhadores

---

<sup>5</sup> As denominações Coroados e Botocudo, utilizadas pelos britânicos, não devem ser tomadas de maneira tão exata, pois, na verdade, dizem respeito a diferentes grupos indígenas, apesar de em seus relatos eles não se deterem em explicar variações ou características próprias de cada uma das etnias com as quais supostamente tiveram contato. Sobre estas etnias na região sul do Brasil, ver: DORNELLES, Soraia Sales. De Coroados a Kaiagang: as experiências vividas pelos indígenas no contexto da imigração alemã e italiana do Rio Grande do Sul no século XIX e início do XX. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

<sup>6</sup> BIG-WITHER, BIG-WITHER, T. P. Pioneering in south Brazil. Vol 1. London: John Murray, 1878, p.350.

<sup>7</sup> *Ibid*, p.341.

<sup>8</sup> Não era uma novidade a contratação de trabalhadores indígenas no sul do país, e os desta etnia eram justamente os mais ambientados ao convívio com os brancos. Sobre o tema, ver DORNELLES, Soraia Sales. De Coroados a Kaiagang: as experiências vividas pelos indígenas no contexto da imigração alemã e italiana do Rio Grande do Sul no século XIX e início do XX. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

européus, de “obter um grupo de homens acostumados à vida na floresta” e que, sobretudo, seriam “alheios ao orgulho e preconceito dos brasileiros, fazendo o trabalho que os brasileiros não fariam”.<sup>9</sup>

O britânico se deteve bastante na ambientação dos índios Coroados nas proximidades da colônia Santa Tereza, de povoação predominantemente europeia. Chega a mencionar, de maneira certamente exagerada, tamanha era a sua percepção da harmonia entre indígenas e brancos que seria “digno de nota que no caso dos índios Coroados (...), nenhum preconceito é manifestado contra eles pela raça dominante”. Viviam, segundo ele, de tal maneira “livremente juntos”, que os Coroados eram “admitidos livremente na sociedade dos brasileiros como um deles”.<sup>10</sup> De fato, dentre os povos indígenas daquela região, os que estavam mais inseridos na comunidade dos colonizadores eram os Coroados<sup>11</sup>, e por isso foram os que mais trabalharam para aqueles britânicos.

Bigg-Wither afirmou que ele e seus conterrâneos envolvidos naquela mesma empreitada, empregaram “vários desses índios às equipes de cortadores de picada, e devo referir a eles novamente, com relação ao seu valor como trabalhadores”.<sup>12</sup> Apesar disso, a barreira da língua fez com que a inserção nos grupos de trabalho dos “camaradas indígenas nunca passasse de um sucesso parcial”.<sup>13</sup> Seu lamento não era apenas porque esses trabalhadores poderiam lhe ter sido mais úteis, mas porque, de fato, acreditava que deveriam ser “utilizados” em prol do desenvolvimento econômico do Brasil, e se pôs a ensinar o que deveria ser feito para que isso fosse alcançado.

Edward Said (2011, p. 21) afirma que parte da produção literária norte americana e europeia no século XIX reproduzia a ideia de que a Europa seria a fonte de ação e de vida, estando à frente do restante da humanidade. Nesse sentido, os britânicos, julgando-se

---

<sup>9</sup> BIG-WITHER, T. P. *Pioneering in south Brazil*. Vol 1. London: John Murray, 1878, p. 342.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 350.

<sup>11</sup> Sobre as relações dos Coroados com as populações não indígenas no sul do Brasil, ver: DORNELLES, Soraia Sales. **De Coroados a Kaiagang**: as experiências vividas pelos indígenas no contexto da imigração alemã e italiana do Rio Grande do Sul no século XIX e início do XX. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

<sup>12</sup> BIG-WITHER, T. P. **Pioneering in south Brazil**. Vol 1. London: John Murray, 1878, p. 237.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p.342.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pertencentes a uma sociedade que estava à frente das demais, numa visão teleológica, também poderiam ensinar como a jovem nação brasileira deveria agir para alcançar seus padrões. Discutindo não apenas a literatura de viagem, mas trabalhando com um leque muito mais amplo, Said afirma que se deve a esta forma de ver o mundo, a vontade que fica, implícita ou explicitamente demonstrada, em alguns destes livros, de “ajudar” no desenvolvimento de um “Terceiro mundo retardado mental”. Muitas obras mesmo posicionando-se contrariamente ao imperialismo acabaram passando a ideia de que “as regiões distantes do mundo não possuem vida, história ou cultura dignas de menção, nenhuma independência ou identidade dignas de representação sem o ocidente” (SAID, 2011, p. 21). Tais premissas levantadas por esses estrangeiros partiam da sensação de superioridade que pareciam gozar no Brasil, país economicamente dependente da Inglaterra e percebido como longe de ser civilizado, com muitos recursos a serem explorados e uma população incapaz de fazê-lo.

Assim, alguns indígenas até podiam ser dignos de elogios enquanto trabalhadores, mas sendo seres que não contavam com uma ação sistemática em prol de sua civilização e inserção naquelas sociedades como membros respeitáveis, permaneciam sub aproveitados, sendo a selvageria seu mais notável defeito, porém passível de ser contornado. Para Bigg-Wither, o governo brasileiro estaria perdendo uma “esplêndida oportunidade” de engajá-los numa “primeira fase de civilização”, seguida por uma gradual transformação, “como os jesuítas fizeram antigamente”, para torná-los “membros úteis da sociedade”. Se não fossem tomadas providências, os indígenas permaneceriam sem “serem recuperados, inteiramente perdidos para o serviço do Estado” e se constituiriam “um verdadeiro incômodo, impedindo a formação e colonização das partes principais que habitavam”.<sup>14</sup> E foi este, basicamente, o raciocínio seguido por parte dos colonizadores europeus por séculos: As populações indígenas deveriam ser invisibilizadas ou subordinadas, tornando-se úteis aos projetos dos brancos.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> BIG-WITHER, BIG-WITHER, T. P. Pioneering in south Brazil. Vol 2. London: John Murray, 1878, p.316.

<sup>15</sup> Sobre o tema do aldeamento e algumas missões relacionadas aos indígenas no Brasil do século XIX ver: NEGRO, A. L. **Coisa de branco**: A queixa e a mágoa da falta de aviso e de indenização; ou socorro e auxílio.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ao longo do século XIX, sobretudo a partir da sua segunda metade, os britânicos se dirigiram ou, pelo menos, voltaram seus olhos para o Brasil com os mais variados objetivos. Possivelmente os mais comuns eram aqueles relacionados aos empreendimentos financiados por empresas que enviavam seus encarregados para darem execução aos seus planos de investimento no país. Chegando aqui, e necessitando executar suas respectivas missões no além-mar, eles passaram a ter contato com os trabalhadores brasileiros e estabeleceram com eles relações dos mais diversos tipos. Se na economia os interesses britânicos espalhavam-se pelo mundo, a literatura fez o mesmo, e várias obras foram escritas ambientadas em territórios dominados e imaginados (SAID, 2011). Foi nesse contexto que os relatos de viagem se tornam um gênero literário popular na Europa, e acabaram se tornando importantes documentos para os historiadores.

A expressão “relato de viagem” refere-se a um campo da literatura que normalmente remete a uma narrativa pessoal contando as experiências e narrando as descobertas sobre o desconhecido, geralmente regiões longínquas e pouco conhecidas, onde a alteridade dá o tom da narrativa produzida sobre pessoas e locais tidos como exóticos (SCHEMES, 2015). De acordo com Pratt (1992), os discursos construídos por esses europeus viajantes eram também uma forma de conquista que ela denominou “anti-conquista”, por conta do caráter supostamente pacífico e reflexivo que esses viajantes costumavam dar aos seus relatos. Ela percebe seus registros como uma forma abstrata de apropriação sobre povos e territórios desconhecidos da maior parte dos europeus. Assim, a “anti-conquista” seria uma conquista discursiva. Esse gênero literário teria surgido então para suprir culturalmente as classes médias europeias e norte-americanas e, por outro lado, construiria um discurso a respeito da necessidade da intervenção do homem branco nesses territórios ocupados por povos selvagens.

---

A contrariedade senhorial ante a revolução ou golpe fatal do 13 de maio de 1888 e suas complicações (Bahia, Brasil, e um pouco além). 2018. 139 p. Tese (Professor Titular em História Social) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História, Salvador, 2018.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Partindo de tais premissas, o objetivo central desta pesquisa é mostrar a forma como esses britânicos viram e viveram os mundos do trabalho no interior do Brasil, permeado pela presença indígena. Desse modo, se buscará problematizar como a visão dos europeus sobre as populações originárias, e sua postura em relação aos trabalhadores locais, traziam consigo seus parâmetros capitalistas e eurocêntricos. Tentavam, através deste prisma, construir valores sobre os trabalhadores que comporiam os mundos do trabalho no Brasil pós abolição, e nesse mote suas abordagens passavam pela utilização da mão de obra indígena contra o caos que, no seu modo de ver, se instalaria no Brasil caso a abolição acontecesse antes de existir o devido preparo que seria, resumidamente, o recrutamento dos trabalhadores libertos, livres e pertencentes às populações originárias (CASTRO, 2020).

Nesse movimento, a pesquisa encontra-se com o conceito de representações, formulado por Chartier (2002), na medida em que visa colocar a forma como os mundos do trabalho no Brasil, do qual os indígenas faziam parte, foram apresentados e difundidos a partir de determinadas ideias, influenciando os imaginários coletivos do final do século XIX. De acordo com suas formulações, a produção dos discursos não é algo inocente ou involuntário, mas atende aos interesses dos grupos onde esses discursos são originados, e por isso podem ser considerados detentores de um poder simbólico, sendo a cultura um campo em constante disputa. Assim, as estruturas sociais são influenciadas por esse poder, que acaba sendo decisivo para consolidação de determinada versão dos fatos que, por isso, acabam muitas vezes sendo tomadas como verdades absolutas.

Os europeus que escreveram sobre os mundos do trabalho no Brasil daquele período tinham o poder discursivo em suas mãos já que boa parte os trabalhadores, indígenas ou, não com os quais tiveram contato, se não eram iletrados, pelo menos não eram exatamente pessoas capazes de publicar suas conjecturas e experiências de vida. Quando Chartier coloca que este é um campo em disputa, é possível ponderar que esses europeus estavam na verdade impondo seus padrões culturais sobre aquelas populações locais, e se colocando numa posição de autoridade sobre os trabalhadores brasileiros, não apenas porque chegaram a chefear alguns ao contratá-los para suas empreitadas, mas sobretudo porque consideravam-

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

se intelectualmente superiores e capazes de entender as realidades dos mundos do trabalho no Brasil melhor que os próprios nacionais.

## FONTES PRIMÁRIAS

BIG-WITHER, T. P. **Pioneering in south Brazil**. Vol 1. London: John Murray, 1878.

*The Anglo Brazilian Times*, 1884.

WELLS, James W. **Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil - do Rio de Janeiro ao Maranhão**. 2 volumes. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, (1887) 1995.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. De como se obter mão de obra indígena na Bahia entre os séculos XVI e XVIII. **Revista de História**, n. 129-131, p. 179 – 208. 1994.

DILLY, Gabriela; GEVEHR, Daniel Luciano. O estranhamento entre aqueles que estavam e aqueles que chegavam: representações sobre o espaço e as relações entre indígenas e imigrantes alemães no Rio grande do Sul, Brasil. **História UNICAP**, v. 3, n. 6. 2016

BOURDEU, Pierre. O poder simbólico. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BROWN, M. (org.). **Informal Empire in Latin America: Culture, Commerce and Capital**. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

BUCHANAN, R. A. The diaspora of British engineering. **Technology and Culture**, v. 27, n. 3, p. 501-524, Jul. 1986.

CASTRO, R.C. Mundos do trabalho no seu fazer-se: Britânicos, livres, libertos e escravizados (1880-1905). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

CHAKRABARTY, D. **Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference**. Princeton: Princeton University Press, 2000.

CHARTIER. Roger. À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988.

DOWBOR, L. **A formação do capitalismo dependente no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DORNELLES, Soraia Sales. **De Coroados a Kaiagang**: as experiências vividas pelos indígenas no contexto da imigração alemã e italiana do Rio Grande do Sul no século XIX e início do XX. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

DROPPA, A.; SPERANZA, C. G. (Org). **Mundos do trabalho**: Campo de estudos em transformação. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

GILLES, A. M. R. Ingleses no Brasil: imaginário, representações e as diferentes configurações sociais da presença britânica no Brasil do século XIX. **Estudios del ISHiR**, n. 10, p. 23-38. 2014.

GRAHAN, R. **Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

HALL, M. M. **The origins of mass immigration in Brazil, 1871-1914**. Tese. (Doutorado em Filosofia). Faculty of political science. Columbia University, 1969.

LADEIRA, J. C. de S. As primeiras narrativas britânicas sobre a ilha de Bali: raça e civilização. **Revista Brasileira de Estudos Presença**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 316-332. 2017.

LEITÃO, C. de M. **O Brasil visto pelos ingleses**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

MANCHESTER, A. **Preeminência inglesa no Brasil**. Editora brasiliense, 1973.

MELO, J. C. **A primeira ferrovia inglesa no Brasil**: The Recife-São Francisco Railway. Recife: Cepe, 2016.

MOHAPATRA, P. P. Informalidade regulamentada: construções legais das relações de trabalho na Índia Colonial (1814-1826). **Cadernos AEL**: trabalhadores, leis e direitos, Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, v 14. n. 26, p. 51-92. 2009.

MOTTA, I. P. **Viajantes britânicas na América do Sul**: gênero e cultura imperial (1868-1892). Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, 2015.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

PRATT, M. L. **Imperial Eyes**: Travel Writing and Transculturation. London and New York: Routledge, 1992.

SAID, E. W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCHEMES. Elisa Freitas. A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**. 2015.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 [1985].

TODOROV, T. A viagem e seu relato. **Revista de letras da UNESP**. São Paulo, v. 46, n.1, 2006.